

EPIFÂNIO DIAS E EÇA DE QUEIRÓS*

Evairildo Bechora**

RESUMO: Este artigo têm a finalidade de reexaminar os trabalhos gramaticais de epifânio Dias, particularmente alguns apontados por puristas como vulgarismos ou como barbarismos.

Palavras-chave: vulgarismo, barbarismo.

Ao leitor assíduo do notável criador de *Os Maias* causará sem dúvida estranheza ver seu nome ligado ao de um dos mais ilustres estudiosos de nossa língua, que acrescenta a esta não pequena honra a de ser também o renovador do ensino do latim e do grego em Portugal.

Todavia o nome do nosso gramático e filólogo aparece constantemente como o defensor intransigente da lídima pureza do idioma e, assim, potencial inimigo da renovação linguística que os escritores como Eça empreenderam para encontrar a equilibrada arte de escrever os seus romances.

Um exemplo entre outros: na homenagem que os editores de Eça prestaram à passagem do 1º centenário de seu nascimento, há entre as colaborações uma que aproxima os dois vultos; trata-se de um artigo de Mariano Pina acerca de *A Relíquia*:

"Talvez que depois do que deixo escrito, classificando esse capítulo [o III] como um modelo de alta literatura, os gramáticos do meus país, todos os sábios retóricos de

* Texto publicado na revista *Nós* (jan/dez 1989), Pontevedra-Braga, numa homenagem ao filólogo Guerra da Cal, e aqui reproduzido com pequenas alterações e acréscimos. Também agora desejo assinalar o sesquicentenário de Eça de Queirós e a passagem dos oitenta anos do falecimento de Epifânio Dias, ocorrido aos 30 de novembro de 1916.

** Universidade Estadual do Rio de Janeiro e Universidade Federal Fluminense.

liceus e de academias, dêem pulos de raiva e pinchos de indignação, vociferando apopléticos contra semelhante blasfêmia. Para eles *A reliquia* deve ser um mísero atoleiro de erros de gramática, vírgulas que não estão no seu lugar, e expressões, e estrangeirices que ainda não foram, nem nunca hão de ser confirmadas por autoridades como o Sr. João Félix, o Sr. Pedro Monteiro e o Sr. Epifânio ou o Sr. Padre Amado (...).

Que importa tudo isso! a Gramática é certamente a mais circunspecta das invenções, e se ela não existisse seria preciso inventá-la para gáudio e brilho de todos os professores mais ou menos epifânios e mais ou menos amados dos nossos liceus".¹

Creio ser oportuno traçar ou lembrar alguns aspectos da obra gramatical, filológica e pedagógica – esta nem sempre posta nos seus devidos termos – de Epifânio Dias, para que ela não perca a correta dimensão da sua importância diante de afirmações do teor da que se leu em Mariano Pina, afirmações que talvez se devam a motivos alheios à análise da produção científica do ilustre mestre português. Cumpre dizer que este valor e esta importância têm sido exaltados por antigos discípulos que depois se tornaram figuras de relevo no magistério das letras, entre os quais cabe ressaltar José Leite de Vasconcelos e Carlos Simões Ventura.²

Coube-lhe a tarefa difícil de reformular os compêndios gramaticais destinados ao ensino da língua portuguesa e do latim, introduzindo neles o resultado do progresso dos estudos lingüísticos do seu tempo, 'levados a bom termo na Europa, especialmente na Alemanha, Itália, Inglaterra e França. Nesse sentido contribui para uma maior atenção ao capítulo da sintaxe, até então reduzido e muitas vezes inexistente.

1 *Eça de Queirós visto pelos seus contemporâneos*. Lisboa, Lello & Irmão, 1945, p.176.

2 Cabe recordar os estudos de Francisco Rebelo Gonçalves (*In Filologia e Literatura*, São Paulo, Editora Nacional, 1937) e José Pereira Tavares (*In Humanitas*, II (1948-1949), e o breve, mas substancial verbete de J.G. Herculano de Carvalho na *Enciclopédia Verbo*. Para biografia veja-se o fundamental trabalho de J. Leite de Vasconcelos *Epiphânio Dias – sua vida e labor científico*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1922 – hoje inserido na 5ª ed. da *Sintaxe histórica portuguesa de E. Dias – e as Achegas reunidas* por R.M. Rosado Fernandes, *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, III série, 8 (1964).

Em 1870, inspirado nos estudos aplicados à sintaxe das línguas clássicas – especialmente nos trabalhos de Madvig – e das línguas modernas, escreveu uma *Gramática prática da língua portuguesa*, para o uso dos alunos do primeiro ano do curso dos liceus, remodelada em 1876 com o título *Gramática portuguesa* e em 1881, na sua 4ª edição, denominada definitivamente *Gramática portuguesa elementar*, de larga tradição entre os compêndios escolares até quase a terceira década do nosso século.

O papel de pioneirismo que exerceu na renovação dos livros didáticos para o ensino do português, do latim, do grego e do francês – efetivando ainda no domínio do liceu as novas idéias da filologia românica e da lingüística geral introduzidas em Portugal por Adolfo Coelho³ – não o transformou no caturra, de bengala na mão, a distribuir, pela imprensa e pelos livros, castigos e censuras aos perpetradores de solecismos e barbarismos, atividade, por sinal, muito cultivada em Portugal e no Brasil, só muito recentemente minorada, e não de todo extinta.

Sua obra gramatical e filológica, ao contrário, revela um espírito atento não só à historicidade da língua, mas também à potencialidade para encontrar, através do trabalho de seus escritores, novos recursos de expressão. Insurgia-se, todavia, quando a língua possuía correspondente exato à novidade que se queria impor. Quem percorre suas substanciosas anotações à edição de *Os Lusíadas* percebe facilmente o constante cuidado em conservar a lição do texto do vate lusitano, encontrando justificação no latim ou na prática dos escritores portugueses aos pretensos erros da linguagem ali apontados.

Natural era que, estudando historicamente a língua, não tivesse chegado aos autores contemporâneos com a mesma leitura profunda

3 O mérito em que E.D. tinha A. Coelho comprova-se pelo fato de o sintaticista emprestar, em 1877, o livro de A.C. *A língua portuguesa* a J.L. de Vasconcelos, quando este começou a interessar-se pelas novas idéias lingüísticas. Cf. J.L. Vasc., *Epiphânio Dias*, p.41 n.1. Nas *considerações sobre o regulamento e os Programas do ensino secundário* (Lisboa, 1897) diz Epifânio: "Não é necessário agora avaliá-lo [A. Coelho] como glotólogo; todavia sempre direi que a verdade manda confessar que sem debate lhe pertence a glória do domínio público em Portugal" (p. 59).

que demonstra dos clássicos e pré-clássicos, como, aliás, ocorreu com outro grande sintaticista, o Prof. Said Ali; nem por isso deixa de ser receptivo ao registro de inovações sintáticas e práticas de linguagem, algumas das quais curiosamente até hoje não merecedoras do beneplácito de gramáticos, puristas e escritores.

Vale a pena trazer à baila que, na *Sintaxe histórica portuguesa*, uma dessas inovações vem justamente abonada com exemplo extraído de *O primo Basílio*. Trata-se do uso sem valor reflexo dos pronomes *se*, *si*, *consigo* aplicados à pessoa com quem falamos e a quem tratamos na 3ª pessoa. É novidade do português de Portugal, de explicação ainda discutida, documentada literariamente no século XIX, e que não passou ao Brasil, onde de fato é condenada pela maioria dos gramáticos. Mesmo em Portugal este uso não mereceu logo aprovação, até entre escritores representativos, como foi o caso de Camilo Castelo Branco.

A novidade de linguagem já vinha assinalada na *Gramática elementar* (§ 187, d), sem abonação literária; o recuado na datação evidencia que a observação feita por Epifânio no compêndio escolar – e, portanto, a consagração como norma – é anterior à lição exarada por Meyer-Lübke na sua *Grammatik*, à qual se refere na *Sintaxe histórica*.

Não enfraquece a argumentação da presença de Eça na *Sintaxe histórica* o fato de se tratar de citação indireta, de segunda mão, colhida em Meyer-Lübke. O que é necessário, fique patente, é que Epifânio não vacilou em registrar um fenômeno lingüístico do português contemporâneo com o testemunho de Eça, bem como arrolar o romancista e *O primo Basílio* entre autores e obras citados no seu último livro, editado postumamente.

Outra construção durante muito tempo considerada errônea, por bárbara, consiste no emprego da preposição *por*, em vez de *de*, a introduzir complemento de substantivo ou adjetivo que exprime disposição de ânimo para com pessoa ou coisa: *amor pelo próximo*, *respeito pelas leis*.

É importante observar que, num latinista do porte de Epifânio, esta novidade do português moderno encontra registro sem sanha e sem comentário desabonador, apenas assinalando a diferença de construção entre a língua atual e a prática entre os clássicos. A lição se encontra, pelo menos, desde o compêndio elementar, na sua versão de 1876:

"No português atual vê-se a preposição *por* empregada depois dos substantivos e adjetivos que exprimem disposições do ânimo para com um objeto, v.g. *respeito pela vida alheia* (em português clássico: *respeito da vida alheia*)" (§ 169)

O teor deste registro evidencia, entre outros casos, que se faz necessária uma edição crítica da *Sintaxe histórica* à altura do que devem os estudos lingüísticos à atividade de Epifânio e mesmo como demonstração de justiça ao desenvolvimento dos estudos lingüísticos em Portugal. Faço este comentário para dizer que a lição exarada na *Sintaxe histórica* – editada postumamente em 1918 – traduz uma posição anterior do filólogo, mais conservadora do que a que se viu no compêndio elementar de 1876, senão vejamos o que diz o § 206:

"Escritores modernos, menos cuidadosos da pureza da linguagem, empregam *por* depois de substantivos e adjetivos que significam disposições do ânimo, ou manifestações de disposições do ânimo em relação a um objeto (v.g. *respeito pela vida alheia*). É galicismo. Em bom português, diz-se, v.g. *sem respeito de equidade nem verdade* (Sousa, *V. do Arc.*, 1, 148), sem consideração nem respeito ao bem espiritual dellas (*Id.*, 1, 257)".

Epifânio andou ainda adiantado a gramáticos e puristas ao registrar sem admoestação a possibilidade de elipse da preposição no início de orações subordinadas que funcionam como objeto indireto ou complemento nominal e ainda adverbial, do tipo de *preciso (de) que, tenho necessidade (de) que, estou desejoso (de) que, convido-o (a) que parta*. Sabemos que ainda hoje encontramos gramáticos e puristas que não vêem com bons olhos esta construção.

Acerca de meu último exemplo, cumpre assinalar que Epifânio não só registra a discordância de usos da língua atual para a clássica, mas também em sentido inverso, como procedeu no comentário à estância do c. VI, v. 3 "*O convida que parta e tome asinha*".

"No português moderno dir-se-ia "*a que parta*".

Os exemplos deste tipo, se espaço e ocasião houvesse, poderiam ser multiplicados; para não alongar mais este rol de comprovações,

limito-me a lembrar um caso de sintaxe que é objeto de repúdio de quase todos os nossos gramáticos: Epifânio (*Sintaxe histórica*, § 347, obs. 1^a) registra sem crítica o emprego da preposição *para* depois do verbo *pedir*, quer se entenda a lição como se a partícula estivesse a introduzir o complemento oracional do verbo (*pedir para falar* ou *pedir para que fale*, em vez de *pedir que fale*)⁴, quer como simples possibilidade de elipse do objeto direto *licença*, uso este condenado, entre outros, por Cândido de Figueiredo.

A meu ver Epifânio recebeu muitas críticas injustas não por ser esse caturra intransigente de palmatória na mão, a catar erros de gramática e denunciar galicismos como invasores da pátria, ou, ainda, por ser um filólogo de olhos fechados às inovações idiomáticas. O que de melhor ficou da sua obra e da sua intensa atividade como gramático e como filólogo desmascara o pouco ou nenhum fundamento de seus detratores.

Se não estou em erro, essas críticas têm outra origem. Como sabemos, Epifânio Dias, desde cedo, preocupou-se com dotar o ensino português de compêndios didáticos que refletissem o progresso científico e pedagógico da Europa. Ao começar a escrever obras sobre língua portuguesa, latina e francesa, a editar comentados clássicos latinos recomendados nos programas oficiais de ensino secundário, está claro que este movimento reformista iria destronar, entre os professores mais competentes, o prestígio de autores de livros escolares que dominavam na época, e que envolvia não só a diminuição do prestígio intelectual, senão também do aspecto financeiro da questão, a prejudicar autores e editores.

A proposta de inovação de Epifânio encontra logo a crítica – cabe dizer, a bem da verdade, por vezes justa – de um latinista da época, José Alves de Sousa, autor da mais divulgada gramática latina entre os estudantes da época. Os amigos do acerbamente vergastado professor saíram a campo, escreveram, versejaram, motejaram a sapiência e iras-

4 Como supõe A.C. Pires de Lima na *Revista Lusitana*, XXI, p. 205 n. 4.

cibilidade do reformador, mas não retiraram muitas críticas formuladas nem diminuíram o valor de Epifânio aos olhos e ao respeito dos especialistas nacionais e estrangeiros. Se não conseguiram abalar o prestígio do mestre, criaram-lhe muitos problemas de ordem pessoal e profissional, mas não suficientes para demovê-lo da sua empresa.

Bem maiores, todavia, foram os percalços oriundos de suas considerações contra a reforma de ensino secundário levada a termo pelo conselheiro Jaime Moniz, em 1894. Epifânio procura mostrar nos livros que escreveu contra a metodologia – defendia ela o método indutivo – e os programas da reforma que, apesar da assinatura oficial do conselheiro, os documentos oficiais eram da responsabilidade do notável mestre Adolfo Coelho, inspirados na metodologia da escola alemã – mas em muitos pontos contra ela, segundo Epifânio. O clima de hostilidade nascido entre esses dois grandes vultos da vida cultural portuguesa bem se espelha no seguinte fato narrado por Leite de Vasconcelos em *Adolfo Coelho e a etnografia portuguesa*⁵:

"(...) estivemos [falava dele e de A.C.] com relações cortadas muitos anos, por causa de, numa conversa, ele fazer crítica acerba a Epifânio Dias, e eu acudir em defesa deste. Adolfo Coelho, irritado, afastou-se de mim, e só reatamos as relações em 1911, quando entrei na Faculdade de Letras, como Professor" (p.8).

Outro mestre com quem Epifânio entrou em choque foi José Maria Rodrigues, ainda por causa da mesma reforma de ensino; as rusgas entre os dois não começaram, portanto, na exegese d'*Os Lusíadas*, como, à primeira vista, poderíamos imaginar. Como sabemos, Epifânio tinha, entre suas edições comentadas de clássicos latinos recomendados pelo programa oficial, uma dedicada a Cornélio Nepos, que corria desde 1872. Os novos programas da reforma preconizavam edições sem comentário; como nenhuma atendia às novas recomendações, anunciou-se uma "edição oficial" do autor latino, "da qual, segundo a voz pública, nunca contraditada, o dr. Rodrigues fora o encarregado" (p.85).⁶

5 Famalicão, 1920

6 *Considerações*, citadas na nota 3.

A nova edição reproduzia o texto da edição alemã de Weidner-Schmidt, em que se apresenta modificada a lição do biógrafo latino para que "não se desvie das regras de gramática gerais que se supõem conhecidas dos mesmos alunos" e para que "Não contenha para eles grandes dificuldades de construção sintática" (*ibid.*, p.88).

Epifânio não só discorda do método, juntamente com muitas autoridades do ensino do latim, mas aponta infelicidades na adoção integral da lição de Weidner, pelo fato de contraditar a sintaxe do português, conquanto estivesse justificada pela sintaxe do alemão como língua materna do aluno para quem o texto latino fora adaptado de caso pensado.

O nosso latinista criticava ainda a filosofia da reforma, apresentando dois argumentos muito fortes; o primeiro, a substituição de um texto corretamente anotado de um ponto de vista pedagógico por outro sem anotação⁷. O segundo, lapidar: um autor latino era apresentado sem uma nota ao aluno do 2º ano do curso, enquanto o livro de português de leitura destinado a esse mesmo aluno, no mesmo ano, estava provido de notas. Epifânio ironiza nestes termos:

"Não vê que a nova reforma é tão maravilhosa que os nossos rapazes já aos onze anos entendem mais facilmente latim do que a língua pátria?" (*ibid.*, p.92).

Está claro que não foram apenas estas razões que motivaram as perseguições, os motejos e as críticas a Epifânio. Comenta Leite de Vasconcelos com muito conhecimento de causa:

7. Do valor científico e pedagógico das anotações de Epifânio fala com autoridade Francesco D'Ovidio, numa notícia sobre as edições preparadas pelo mestre português, de Fedro e Eutrópio, transcrita na biografia de Leite de Vasconcelos: "Il tipo di commento che egli vagheggia e ha cercato d'attuare, è precisamente quello che sta in mente anche a noi. Non dare alcun aiuto alla pigrizia, e darne invece moltissimo allo scrupolo di comprendere tutto con precisione, di tradurre tutto con esattezza e con pieno rispetto della sintassi e della stilistica portoghese, di non sorvolare mai sui luoghi apparentemente facili; questo è il criterio che il Dias ha tenuto. E le annotazioni sue sono così buone, che potrebbero riuscire assai utili anche a quegli Italiani che non potessero leggere i commenti tedeschi e fossero invece in grado d'intendere il portoghese" (*Epiphania Dias*, pp. 60-61).

"Como examinador diziam-no terrível, feroz, chamavam-lhe tirano, e não lhe faltaram assuadas nas ruas. Muito se iludia o vulgacho, que confundia a honradez com a maldade, a virtude com a iniquifical O que o Sr. Epifânio era, era espírito justiceiro, retíssimo, que exigia que os examinandos possuíssem os conhecimentos necessários para se apresentarem dignamente na sociedade. Só os maus estudantes o caluniavam. Os que com ele aprendiam, ou seguiam com atenção os seus cursos, não duvidavam, nem por instantes, das sinceras intenções do julgador." (*Epifânio Dias*, p.34).

Quem se detiver numa leitura, ainda que superficial, dos trabalhos de Epifânio sobre as reformas de ensino e seus programas, surpreenderá numerosas passagens reveladoras do maior carinho aos alunos e do maior respeito do seu adequado desenvolvimento psicológico e da permanente preocupação com a sua formação cultural.

Apesar de todos estes testemunhos extraídos de sua obra e da opinião abalizada de quantos com ele conviveram como alunos ou como colegas, a verdade é que o que ficou na memória dos seus contemporâneos – como vimos em Mariano Pina – e o que passou aos pósteros foi o juízo que, tão sintética quanto cruamente, emitiu o colaborador da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* sobre o filólogo e o homem, no verbete dedicado a Epifânio Dias:

"Professor e escritor. De origem muito modesta, consagrou-se ao estudo, vindo a ser um dos mais notáveis latinistas e helenistas do seu tempo. Exerceu o professorado nos liceus de Santarém, Porto e Lisboa, alcançando fama de grande severidade, descomedida exigência e severa irascibilidade". *Iniuriam facilius facias quam feras* (*Publício Siro*).

ABSTRACT: This article aims at reexamining Epifânio Dias's works on Grammar, with special emphasis on those reputed by purists as vulgarisms or barbarisms.

Keywords: vulgarism, barbarism.